Diálogos v. 20 n. 3 (2016), 42-56

Diálogos

http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v20i3

ISSN 2177-2940 (Online)

ISSN 1415-9945 (Impresso)

Estudo comparativo técnico-militar dos exércitos da Batalha de Hastings de 1066 nas fontes anglo-normandas do século XI

http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v20i3.34229

Jaime Estevão dos Reis

Doutor em Historia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). Professor de História Medieval da Universidade Estadual de Maringá. Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História (UEM), jaimeestevaoreis@hotmail.com

Lucio Carlos Ferrarese

Doutorando em História pela Universidade Estadual de Maringá, luciocarlosferrarese@hotmail.com

Palavras Chave:
Batalha de Hastings; Armas; Estratégias

Keywords:
Battle of Hastings; weapons; strategies

Palabras clave:
Batalla de Hastings; Armas; Estrategias.

Resumo

O Este artigo tem por objetivo analisar as diferenças técnicas e militares entre o exército normando de Guilherme da Normandia e o exército anglo-saxão de Haroldo Godwinson que se confrontaram na Batalha de Hastings de 1066. Para isso, utilizamos como fontes a *Tapeçaria de Bayeux* e a *Crônica de Guilherme de Poitiers*, bem como dialogamos com a historiografia da história militar inglesa. Dessa forma, observamos que as diferenças de armas e estratégias existentes entre os exércitos anglo-saxões e normandos, influenciadas pelas condições econômicas e sociais de ambos, favoreceram a vitória das forças invasoras normandas no campo de batalha.

Abstract

Comparative techno-military study of the armies of the Battle of Hasting of 1066 in the anglo-norman sources of the 11th Century

This article aims at analyzing the military and technical differences between the Norman army of Guilherme of Normandy and the Anglo-saxon army of Harold Godwinson in the Battle of Hastings in 1066. For this purpose, we use as our main research source the Bayeux Tapestry and the Chronicle of William of Poitiers as well as the military English history. In this way, we have observed that the differences in weapons and strategies between the Anglo-Saxon and Norman armies, influenced by their social and economical conditions, favored the victory of the invading Norman forces in the battlefield.

Resumen

Estudio comparativo técnico y militar de los ejércitos de la Batalla de Hastings de 1066 en las fuentes anglonormandas del siglo XI

Este artículo tiene por objetivo analizar las diferencias técnicas y militares entre el ejército normando de Guillermo de Normandía y el ejército anglosajón de Haroldo Godwinson que se enfrentaron en la Batalla de Hastings en 1066. Para esto, utiliza como fuentes la Tapicería de Bayeux y la Crónica de Guillermo de Poitiers y el dialogo con la historiografía militar británica. De este modo, se observó que las diferencias de armas y estrategias existentes entre los ejércitos anglosajones y normandos, influenciados por las condiciones económicas y sociales de ambos, favorecieron la victoria de las fuerzas de invasión normandas en el campo de batalla.

Artigo recebido em 14/10/2016. Aprovado em 06/12/2016

Introdução

A Batalha de Hastings do ano de 1066 é considerada um dos marcos para o estabelecimento da identidade da atual Inglaterra. A vitória do duque Guilherme da Normandia (c. 1028-1087) contra o Rei Haroldo Godwinson de Wessex (c. 1022-1066), moudou a composição da sociedade anglo-normanda, pautada em novas relações políticas e maior proximidade com a religiosidade continental e romana.

O motivo da batalha foi a disputa pelo trono anglo-saxão, ao qual pretendiam o duque Guilherme da Normandia e o conde, então entronado, Haroldo Godwinson da Inglaterra. A Batalha de Hastings foi decisiva para a guerra, travada em campo aberto, estratégia pouco comum nos conflitos no Ocidente medieval. Este artigo parte do questionamento acerca do papel que a cavalaria desempenhou na Batalha, bem como o das forças de infantaria de ambos os lados do conflito. Procuramos observar comparativamente a composição das tropas normanda e anglosaxônica, suas estratégias militares e seus equipamentos, para verificarmos se esses fatores influíram na vitória dos normandos.

Nesta análise, utilizamos como fonte dois documentos contemporâneos à Batalha de Hastings: a *Tapeçaria de Bayeux* e a crônica de Guilherme de Poitiers, intitulada *Gesta Guillelmi Ducis Normannorum et Regis Anglorum* ou *História de Guilherme, Duque dos Normandos e Rei dos Anglo-saxões*. A primeira trata-se de uma fonte imagética, bordada a mando de um patrono desconhecido ainda no século XI, e que sobrevive hodiernamente no Musée de la Tapisserie de Bayeux, na Normandia. Compõe-se de uma narração dos eventos anteriores à batalha e a representação do confronto em si. Pode ser considerada um verdadeiro marco comemorativo da vitória de Guilherme sobre as forças de Haroldo Godwinson. A segunda fonte é uma crônica atribuída ao capelão de Guilherme da Normandia, Guilherme de Poitiers (c.1020-1090), para o registro dos feitos de seu patrono. Guilherme de Poitiers, em sua juventude, foi um guerreiro, e sua descrição dos eventos militares apresenta detalhes técnicos que escapam à maioria dos cronistas estritamente religiosos do medievo.

Os acontecimentos: preparando-se para a guerra

Em janeiro de 1066, o rei anglo-saxão Eduardo, o Confessor faleceu sem deixar descendentes, depois de reinar por décadas em relativa paz, posterior a um período conturbado de guerras, mortes e diferentes dinastias e sucessões reais na Inglaterra. O trono é, então, reivindicado por três nobres: o duque Guilherme da Normandia, primo em segundo grau de Eduardo, pela sua consanguinidade; Haroldo III "Hardrada", rei da Noruega, por associação ao anterior rei de outra linhagem, o viking Cnut, que governara antes da dinastia de Eduardo; e Haroldo Godwinson, conde de Wessex e cunhado de Eduardo, escolhido como novo rei por um concílio dos lordes anglo-saxões graças à sua influência e poder.

Com a coroação de Haroldo Godwinson, o viking Haroldo "Hardrada" inicia os preparativos para a guerra, reunindo uma frota viking para invadir o reino anglo-saxão pela região norte, navegando pelo leste. Guilherme da Normandia concomitantemente envia mensageiros para exigir o trono de Haroldo Godwinson. A resistência do monarca faz com que o rei normando também se prepare para a guerra e translade seu exército do norte da França até a Inglaterra anglo-saxônica, atacando Haroldo e os defensores daquele reino pelo sul.

Haroldo Godwinson se prepara para as invasões, presumindo que o ataque pelo sul, de Guilherme da Normandia, ocorreria primeiro, e mobiliza seus navios para patrulhar aquela região. Todavia, Haroldo "Hardrada" invade pela região da Northumbria, ao que o rei anglo-saxão tem de se deslocar com seu exército até Stamford Bridge, onde trava batalha em 25 de

setembro de 1066. Para essa altercação, Haroldo deslocou seu exército 305 quilômetros ao norte de Londres em apenas quatro dias, e ali acabou por perder parte de seu contingente apesar da vitória sobre Haroldo "Hadrada", que morre em campo de batalha. Seis dias após a vitória de Stamford Bridge, Haroldo recebe a notícia de que Guilherme aportara em Pevensey, ao sul, e decide retornar a Londres para reunir o maior número possível de soldados. (NICHOLSON, 2004, p. 125).

Guilherme da Normandia, por sua vez, consegue reunir seus vassalos com promessas de espólios de guerra (GRAVETT, 1994, p. 39), começando seus preparativos em junho de 1066, complementando suas forças com mercenários. De junho a setembro, o monarca recruta e treina suas tropas, esperando o momento correto para invadir. Pela quantidade de guerreiros transladados entre a Normandia e a Inglaterra, esta movimentação é designada como uma das maiores operações anfíbias da Idade Média (DOUGLAS apud THORPE, 1973, p. 16). Ao aportar, Guilherme reutiliza antigos fortes em ruínas para se preparar para um eventual sítio, e se desloca para Hastings no dia seguinte (THORPER, 1973, p. 16-17). Perto desse local, também constrói uma fortificação para providenciar abrigo e proteção para suas tropas (Figura 1).

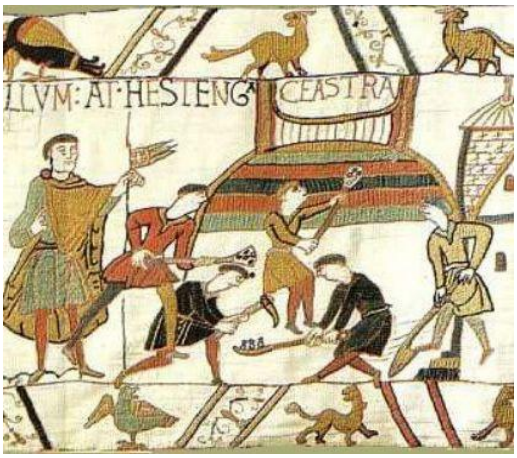

Figura 1. O forte em Hastings. (The Bayeux Tapestry).

Haroldo, que não pôde reagir a tempo para impedir a invasão marítima, destaca então sua frota para impedir que os defensores consigam adquirir reforços pelo Canal da Mancha. Incapaz de retroceder, Guilherme pretende levar a luta até o rei anglo-saxão e impor uma vitória rápida e decisiva, pilhando os lugares por onde passa (Figura 2).

Figura 2. Cavaleiros atacam um vilarejo. (The Bayeux Tapestry)

A realização da pilhagem por parte de Guilherme serviria a dois propósitos: conseguir recursos e obrigar o rei anglo-saxão a entrar em combate (GRAVETT, 1993, p. 49). De acordo com a Crônica de Guilherme de Poitiers, no embate, o rei normando declarou: "não tomarei refúgio por trás de muralhas protetoras ou fortificações de terra. Eu procurarei Haroldo na primeira oportunidade" (POITIERS, 1973, p. 44, tradução nossa)[1].

Apesar de Haroldo possuir a vantagem defensiva (NICHOLSON, 2004, p. 131-132), a tática de Guilherme o atrai para o campo de batalha em uma tentativa de lidar rapidamente com a invasão, conforme explica o próprio Guilherme de Poitiers:

> Entrementes os cavaleiros experientes que haviam sido enviados como batedores pelas ordens do duque relataram que o inimigo se aproximava, pois, quando ele ouviu que seu território ao redor do acampamento Normando estava sendo devastado, Haroldo ficou tão furioso que aumentou a velocidade de sua marcha. Seu plano era fazer um ataque noturno repentino e esmagar seus

[1] No original: "I shall not take refuge behind protecting walls orearthwork. I shall engage Harold at the first possible opportunity".

> inimigos quando eles menos o esperavam (POITIERS, 1973, p. 47, tradução nossa)[2].

No dia 14 de outubro, num domingo de outono conforme o calendário gregoriano, as forças normandas e anglo-saxônicas se encontraram no campo de batalha de Hastings, a 95 quilômetros ao sul de Londres, em um campo aberto de uma região de colinas cercadas por florestas, chamada Caldbec[3]. Uma última tentativa diplomática ocorrera nos dias anteriores, infrutífera, e o conflito se iniciou ainda durante o período matutino (DEVRIES, 2009, p. 26).

A Batalha de Hastings de 1066

Com o início do conflito, ambos os exércitos tentam obter vantagens táticas para seu benefício, por meio do terreno, do número de homens, da capacidade e do posicionamento de suas tropas no campo de batalha. O primeiro destes movimentos táticos bem-sucedidos registra Guilherme forçando Haroldo a um confronto em campo aberto, onde pode usar sua cavalaria com toda sua força, do contrário acabaria por ser obrigado a retornar à suas fortificações e ser cercado em Pevensey (NICHOLSON, 2004, p. 132).

Todavia, apesar desta desvantagem inicial, Haroldo consegue ocupar o topo da colina com suas tropas, o que obriga os invasores a subir e descer o morro em suas movimentações durante o combate. Além disso, o rei anglo-saxão ordena suas tropas fortificarem suas posições através da adoção da tática da parede de escudos[4]. Pela composição do terreno, cercado por matas e charcos, era impossível flanquear os anglo-saxões, o que obrigava os normandos a um ataque frontal colina acima.

Na linha de frente dos defensores encontram-se os soldados mais bem armados, os *thegn*, e nas fileiras traseiras, a infantaria leve dos *fyrd*, que os assistenciam com uma artilharia limitada, conforme a crônica de Guilherme de Poitiers: "Eles [os anglo-saxões] arremessaram suas azagaias e projéteis de todos os tipos, lhe deram golpes selvagens com seus machados e com pedras presas em cabos de madeira" (POITIERS, 1973, p. 49, tradução nossa). Podemos observar esse posicionamento das tropas na figura abaixo, estão ilustrados os anglo-saxões em vermelho, e as tropas de Guilherme, compostas no centro por normandos, a leste por franco-flamengos e a oeste por bretões, em azul (Figura 3).

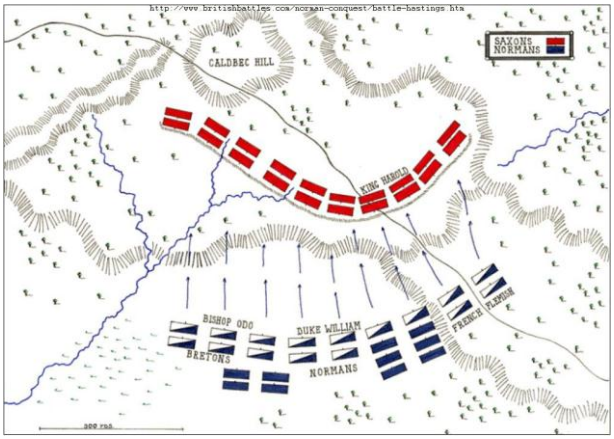

Figura 3. Map of the Battle of Hastings on 14th October 1066: (Fawkes, J)

Da parte de Guilherme, as táticas empregadas são influenciadas pelo seu

[2] No original: "Meanwhile the experienced knights sent out as scouts at the duke's order reported that the enemy was approaching, for, when he heard that the territory round the Norman encampment was being ravaged, Harold was so furious that he hastened his march. His plan was to make a sudden night attack and to crush his enemies when they were least expecting him".

[3] Para uma visão geral dos aspectos geográficos do território onde se deu a batalha, conferir: HEWITT, Christopher E. M., "The Battle of Hastings: A Geographic Perspective" (2016). *Electronic Thesis and Dissertation Repository*. Paper 3628.

[4] Essa tática consiste em colocar os soldados em linhas compactas, com a primeira fileira segurando escudos e impedindo o avanço inimigo. As fileiras traseiras os assistenciam arremessando armas ou elevando seus escudos para proteger o corpo do batalhão de flechas e dardos.

conhecimento das batalhas continentais. As tropas do duque foram dispostas da seguinte forma:

> Na primeira fileira Guilherme colocou sua infantaria, armada com arcos e flechas. Na segunda fileira ele colocou mais infantaria, melhor armada e vestindo armaduras. Atrás deles vieram os esquadrões de cavalaria, com Guilherme em seu meio cercado pela elite de seus cavaleiros, de forma que ele poderia mandar suas ordens em todas as direções, por sinais de mão ou por gritos (POITIERS, 1973, p. 48, tradução nossa) [5].

A batalha se inicia aproximadamente às 9 horas da manhã, com uma saraivada de flechas normandas contra a infantaria anglo-saxônica. Esta, graças à parede de escudos e às suas armaduras, não sofre grandes baixas, conforme podemos observar na figura abaixo (Figura 4).

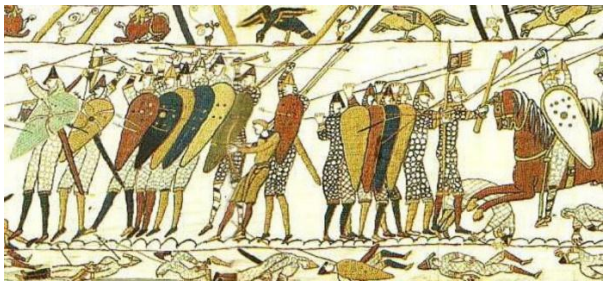

Figura 4. A infantaria anglo-saxônica em formação de parede de escudos. (The Bayeux Tapestry).

A infantaria invasora é então ordenada a avançar para o combate corpo-a-corpo. Isso é custoso graças ao terreno inclinado e à curta distância, os anglo-saxões arremessam lanças e outras armas da posição vantajosa que se encontram, causando baixas e desordem nas fileiras dos atacantes. Mesmo quando a infantaria normanda alcança os defensores, a parede de escudos mantém a vantagem destes (HEWITT, 2016, p. 228-229).

Essa situação leva Guilherme a enviar suas tropas montadas para o combate, procurando auxiliar os soldados a pé (POITIERS, 1973, p. 49). Sem nenhuma brecha para explorar, os cavaleiros têm que combater seus inimigos exatamente como estes querem: frente a frente, sem possibilidades de investidas pelos flancos ou por brechas na defesa, lutando contra uma subida. O embate é retratado como um evento incerto, de longa duração e de grande violência, comparativamente à maioria das batalhas do período, que duravam pouco mais de uma hora (DEVRIES, 2009, p. 27).

A batalha se torna tão intensa que os cavaleiros mercenários bretões, no flanco esquerdo do exército de Guilherme, começam a fugir depois de ouvir rumores de que o líder normando morrera. Segundo Guilherme de Poitiers,

> A infantaria Normanda virou-se em fuga, aterrorizada por tal carnificina selvagem, e também o fizeram os cavaleiros da Bretanha e os outros auxiliares do flanco esquerdo. Quase toda a linha de batalha do Duque Guilherme retirou-se, um fato que pode ser admitido sem afronta aos Normandos, aquela raça inconquistável. Mesmo os exércitos da majestosa Roma, que ganharam tantas vitórias em terra e em mar, ocasionalmente retiravam-se em fuga, embora apoiadas por tropas reais, quando eles descobriam que seu líder havia sido morto, ou pensavam haver sido morto. Os Normandos imaginavam que seu duque havia caído. Sua fuga não era motivo de vergonha; pelo contrário devemos lamentá-la, pois eles pensavam que tinham perdido seu poderoso baluarte (POITIERS, 1973, p. 49, tradução nossa)[6].

Essa brecha leva os anglo-saxões a

[5] No original: "In the first line William placed his infantry, armed with bows and arrows. In the second line he placed more infantry, better armed and wearing hauberks. Behind them came the squadrons of cavalry, with William in the middle surrounded by the élite of his knights, so that he could send his orders in all directions, by hand-signal and by shouting".

[6] No original: "The Norman infantry turned in flight, terrified by this savage onslaught, and so did the knights from Brittany and the other auxiliaries on the left flank. Almost the whole battle-line of Duke Willian fell back, a fact which can be admitted

quebrarem sua formação para persegui-los, porém, ao receber essa notícia, o rei normando dirige-se ao flanco esquerdo para impedir a debandada das tropas. Reúne os cavaleiros em fuga, e os coordena em uma meia-volta para fazer uma rápida investida por entre as tropas inglesas. Sem a proteção da parede de escudos, os *thegn* que haviam seguido os soldados em fuga de Guilherme são derrotados. Entre os mortos estão os irmãos de Haroldo, os lordes Leofwyne Godwinson e Gyrth Godwinson, causando mais confusão aos defensores ao perderem seus líderes. Com isso, Haroldo vê-se obrigado a reformar suas linhas de frente, não apenas com *thegn*, mas com a infantaria pior equipada dos *fyrd* (GRAVETT, 1994, p. 63).

Com o sucesso, Guilherme e seus conselheiros começam a empregar a tática da fuga fingida, que consiste em fazer o inimigo acreditar que se está fugindo para retirá-lo de sua posição, método já conhecido pelos normandos (VERBRUGGEN, 1997, p. 96). Pela grande extensão do terreno de batalha, a fuga é empregada mais duas vezes, criando mais perdas na defesa inimiga. Somando-se a isso, novas saraivadas de flechas são arremessadas nas últimas horas do dia, sendo que uma delas atinge o rei anglo-saxão (GRAVETT, 1994, p. 77). Esse fato é demonstrado na *Tapeçaria de Bayeux* com Haroldo, ainda vivo, retirando a flecha de seu olho, para logo em seguida ser morto por um cavaleiro que lhe corta as pernas (Figura 5).

Com a morte de Haroldo, as tropas inglesas batem em retirada, concedendo a vitória aos invasores. Os *thegn* lutam até a morte junto ao rei, fazendo uma última defesa desesperada em Malfosse (Vala Maligna), enquanto os *fyrd* vencidos são perseguidos até o pôr do sol, às cinco horas da tarde. Após oito horas de batalha sob um domingo de sol de outono, Guilherme surge como o detentor da vitória em campo de batalha (DEVRIES, 2009, p. 29).

Figura 5. A morte de Haroldo. (The Bayeux Tapestry).

Análise comparativa dos exércitos

Uma análise comparativa dos exércitos envolvidos no conflito exige, primeiramente, que saibamos o número de soldados que atuaram de cada lado. Todavia, as fontes não revelam o número exato de homens presentes no campo de batalha. A *Tapeçaria de Bayeux* demonstra nas imagens a contagem em sua narrativa pictórica, enquanto que a *Crônica de Guilherme de Poitiers*, ao contrário, procura exaltar a participação dos normandos exagerando no possível número de soldados envolvidos. Diante disso, podemos tentar estimar a quantidade de combates por outras evidências, sendo uma delas uma análise topográfica do campo de batalha. Sua extensão é de aproximadamente mil metros por quinhentos de comprimento espaço possível de haver o posicionamento dos exércitos, levando-nos a questionar os registros da crônica de Guilherme de Poitiers ao descrever as forças inglesas:

without affront to the Normans, that unconquerable race. Even the armies of majestic Rome, which won so many victories on land and sea, occasionally turned in flight, although supported by royal troops, when they learned that their leader was killed, or thought that he was dead. The Normans imagined that their duke had fallen. Their flight was nothing to be ashamed of; instead we should grieve at it, for they thought that they had lost their strong bulwark".

> Se algum historiador antigo tivesse descrito a linha de batalha de Haroldo, ele teria dito que os rios secavam em sua passagem e as árvores das florestas caiam ante seu avanço. Enormes forças de homens ingleses juntaram-se de todas as partes da terra, alguns por sua devoção a Haroldo, todos pelo amor de sua terra natal, a qual estavam determinados a defender desses invasores estrangeiros, (POITIERS, 1973, p. 48, tradução nossa)[7].

Da mesma forma, pelas palavras de Guilherme da Normandia, o cronista persiste na numeração com o intuito de impressionar: "Tivera eu apenas dez mil homens sob meu comando do mesmo temperamento que os sessenta mil os quais trouxe comigo, com a ajuda de Deus e minhas próprias corajosas tropas eu ainda assim não hesitaria em marchar para destruir ele [Haroldo] e seu exército" (POITIERS, 1973, p. 44, tradução nossa)[8].

Se houvesse 60.000 soldados apenas do lado normando, ocupando metade do campo de batalha, implicaria numa ocupação total do campo de batalha de 0.48 soldado por metro quadrado. Embora fisicamente possível, demandaria uma paz absoluta para que todos esses homens pudessem caber na razão de um soldado para cada dois metros, sem considerar a força anglo-saxônica defensora, supostamente em número muito superior. Para uma contagem mais próxima à realidade, podemos então descartar números tão impressivos, que também implicariam em uma grande dificuldade logística, de alimentação, equipamento e transporte, para ambos os lados.

Existem, todavia, outros indícios para estimar esses dados, como os apresentados na crônica de Robert Wace, que escreveu um século após os eventos:

> [...] ouvi meu pai dizer, e isto me lembro bem, embora fosse apenas um rapaz na época, que, quando eles [os Normandos] zarparam de Saint-Valery, contando os barcos, embarcações menores e esquifes carregando armas e armaduras, a poderosa frota possuía 696. Eu li, e se isso é verdadeiro ou não, não o sei dizer, que havia tantos quantos 3000 navios com suas selas e mastros (WAVE apud THORPE, 1973, p. 14, tradução nossa)[9].

Essa estimativa mais módica da frota invasora, de 696 navios, revela a presença de alguns milhares de homens no campo de batalha. Kelly DeVries, em *Batalhas Medievais 1000-1500* (2009, p. 21), apresenta uma estimativa entre 6.000 a 8.000 normandos. Já Christopher Gravett, em seu livro *Hastings 1066* (1994, p. 20), propõe uma quantidade de 7.500 soldados normandos, quantia que entra em concordância com essas considerações.

Tanto a *Tapeçaria de Bayeux* quanto a crônica de Guilherme de Poitiers apresentam a batalha como uma luta terrível e de resultado incerto, com uma total incerteza da vitória de quaisquer dos lados. Isso implicaria numa anulação mútua das forças, sem vantagem clara seja para os defensores seja para os invasores. Podemos estipular que a quantidade de combatentes para ambos os exércitos era similar

[7] No original: "If some ancient historian had described Harold's battle-line, he would have said rivers dried up at its passing and forest-trees came crashing down as it advanced. Enormous forces of Englishmen had come together from all parts of the country, some through their devotion to Harold, all because of their love for their fatherland, which they were determined to defend against these foreign invaders, however wrongly".

[8] No original: "If I had only ten thousand men under command of the same temper of the sixty thousand whom I have brought with me, with God to help me and my own brave troops I would still not hesitate to march out to destroy him and his army".

[9] No original: "I heard my father say, and this I remember well, although I was only a lad at the time, that, when they set sail from Saint-Valery, counting boats, smaller vessels and skiffs carrying arms and armour, the fleet was 696 strong. I have read, and whether this is true or not I cannot say, that there were as many as 3000 vessels with their sails and masts".

- embora os defensores tenham a vantagem de estarem em território próprio e o utilizarem para sua defesa, vantagem que pode ser diminuída pela falta de equipamento apropriado. O embate das duas forças é representado como uma carnificina mútua, revelada na *Tapeçaria de Bayeux* ao mostrar corpos ocupando o rodapé da narrativa (Figura 6).

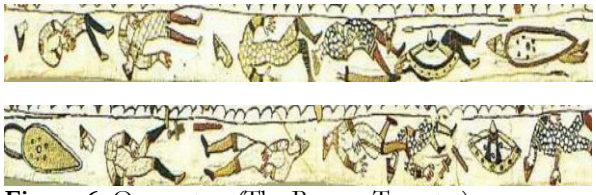

Figura 6. Os mortos. (The Bayeux Tapestry).

Guilherme de Poitiers descreve um número superior de anglo-saxões, mas desconsiderando seu exagero, ainda é possível então arguir por alguma vantagem numérica para os defensores. DeVries (2009, p. 21) apresenta um número de defensores variando entre 6.000 a 7.000, confrontando com o número variável de normandos anteriormente mencionados, abarcaria as possibilidades de uma maioria para ambos os lados. Já para Gravett (1994, p. 20), um número de 8.000 guerreiros anglo-saxões acaba por se adequar às descrições das fontes e às possibilidades logísticas, demográficas e geográficas da ilha britânica do século XI.

A partir dessas estimativas, podemos compreender a composição das tropas. O exército anglo-saxão é formado, tanto na *Tapeçaria de Bayeux* como na crônica de Guilherme de Poitiers, exclusivamente por infantaria, com pouca menção à artilharia. Essas tropas são divididas em dois tipos: a infantaria pesada dos *thegn* (e dentro desta, os *thegn* do rei, os *housecarls*) e a infantaria leve dos *fyrd*, existindo maior quantidade destes últimos em relação aos primeiros (Figura 7).

De fato, Gravett (1994, p. 20) estima a existência de 800 *thegn*, e a infantaria secundária restante com 7.200 *fyrd*, enquanto DeVries (2009, p. 21) propõe que existiam entre 1.000 *housecarl* e *thegn*, e 5.000 a 6.000 *fyrd* no exército defensor.

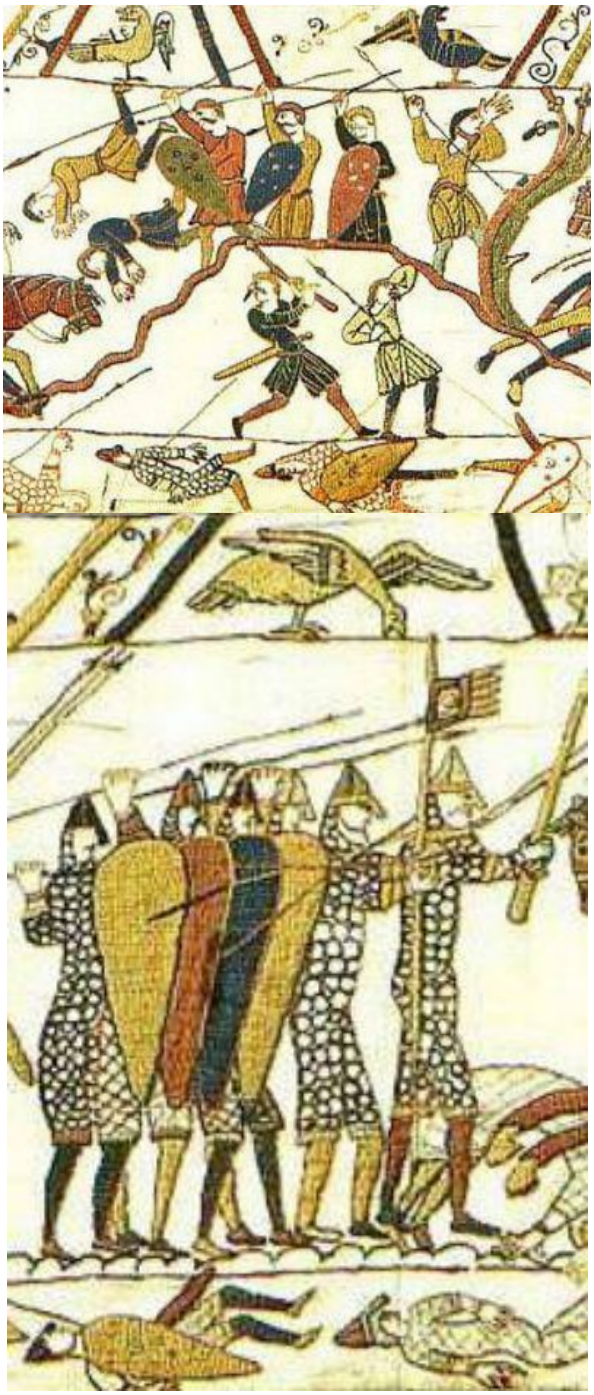

Figura 7. Os anglo-saxões: *fyrd* (acima) e *thegn* (abaixo). (The Bayeux Tapestry).

O principal corpo de defesa dos reinos anglo-saxões consistia nos *fyrd*, cuja principal

vantagem era sua quantidade. Os *fyrd* são homens livres, donos de fazendas próprias e com cuidados de suas casas e colheitas pontilhadas no interior do reino. Seu chamado à batalha, o *ban*, consome recursos e tempo, o que acaba por limitar sua área de atuação e tempo de serviço (DOUGHERTY, 2010, p. 98-100). Seus armamentos demonstram seus poucos recursos, bem como o limitado tempo dedicado ao treinamento militar, o que torna sua efetividade em campo de batalha questionável (NICHOLSON, 2004, p. 40).

O segundo grupo de defesa no exército anglo-saxônico é composto pelos *thegn* e os *housecarl*. Ricos senhores de terras, com bom equipamento de batalha, incluindo-se o cavalo para a locomoção até o campo de batalha - o estilo de luta montado ainda não havia sido adotado por estes guerreiros (DOUGHERTY, 2010, p. 102-103). Treinados desde a infância, sua capacidade de combate é superior à maioria dos *fyrd*, que possuem pouco tempo ocioso para a prática militar. Os *thegn* mais próximos do rei, que desenvolveram um sentido de camaradagem e lealdade para com sua figura, se tornam seus *housecarl*, dispostos a lutar com ânimo elevado até a morte de seu suserano - e obrigados por honra a morrer com ele em campo de batalha.

Em oposição a essas tropas encontram-se as forças de Guilherme, o Conquistador, compostas de normandos e vários outros nobres e mercenários de outras regiões continentais, como franco-flamengos e bretões. Diferentemente do exército anglo-saxão, conta com dois fatores diferentes em sua composição: uma forte presença de arqueiros e cavaleiros, sendo que os primeiros são pouco presentes no exército anglo-saxão e o segundo inexistente.

A infantaria normanda é composta por soldados profissionais, diferente dos *fyrd* e mais próxima dos *thegn* acima referidos. Guilherme arregimentara vários mercenários em seu exército, uma profissão perigosa que favorecia apenas os mais destemidos se não tivessem bom equipamento e bom treinamento. Todavia, a presença da infantaria invasora no campo de batalha foi pouco observada pelas fontes, excetuando-se a sua falha em atacar a posição consolidada dos defensores. Seu treinamento poderia ser variado, porém as tropas de Guilherme passam boa parte do verão de 1066 em Dives, onde podem ter praticado para a batalha vindoura, diversamente de seus oponentes (NICHOLSON, 2004, p. 114).

A arquearia de Guilherme aparece de maneira proeminente, embora ainda secundária à cavalaria. Os arqueiros são uma força mesclada de profissionais mercenários e de caçadores livres arregimentados para a guerra, o uso do arco exige muito treinamento contínuo (DOUGHERTY, 2010, p. 161). A artilharia normanda não batalhou com uma artilharia de longo alcance anglo-saxônica, razão pela qual estes homens mantiveram a coesão militar no campo de batalha e foram capazes de afetar, ao menos ao final da batalha, os seus inimigos. O exército de Guilherme, quando esperando pela invasão, pôde descansar e treinar enquanto esperava pela fabricação dos barcos, o que implica mais tempo hábil de treinamento para estes soldados.

Análise comparativa dos equipamentos empregados na batalha

Passemos à análise comparativamente dos equipamentos que as tropas utilizaram no campo de batalha. No exército anglo-saxão, os *fyrd* possuem uma arma, uma proteção corporal e uma proteção craniana como equipamento padrão para servir ao rei. Essas armas em geral são lanças de madeira com ponta de ferro, que podem ser manejadas com apenas uma mão, possuem tamanho variável entre 1 e 1,5 metros, e peso leve de 2 quilos (FLORI, 2005, p. 74), conforme a figura 8.

Figura 8. Provisões aos navios. (The Bayeux Tapestry).

Alguns *fyrd* mais abastados possuem espadas longas de ferro, com corte duplo, de tamanho entre 65 e 95 centímetros, e peso entre 1,5 e 2 quilos (DEVRIES e SMITH, 2012, p. 22), armas que são usadas para combate corpo-a-corpo, cortantes e de curto alcance. Além disso, machados de dois tipos aparecem na tapeçaria com os guerreiros: machados de uma mão que podem ser usados para o combate corpo-a-corpo ou arremessados, que ferem tanto através do corte quando da concussão, com tamanho variável entre 30 e 50 centímetros e peso entre 1 a 1,5 quilo; além de machados "dinamarqueses" de duas mãos, advindos da tradição viking, usados para ferir os oponentes com armadura com grande poder de corte e concussão. Estes últimos possuem tamanho variado de 1 metro a 1,20 metros e peso de 2 a 3 quilos. Seu alcance limitado e a inércia da potência do golpe o tornam uma arma lenta para ser reposicionada para um segundo ataque. Um atacante que errasse um golpe estaria aberto a um contra-ataque de uma arma mais veloz de manejo, como as espadas e lanças (DOUGHERTY, 2010, p. 98).

A principal, por vezes única, proteção dos *fyrd* é o escudo, que pode ser de duas formas básicas: redondo, feito de madeira e com um raio de 40 centímetros (DEVRIES e SMITH, 2012, p. 59), com bordas e um centro metálico; e cometa ou pipa, de tamanho variável entre 1 metro e 1,3 metros, também de madeira e metal, cuja função é cobrir a maior parte do corpo (Figura 9).

Figura 9. Os dois estilos de escudo. Fonte: (The Bayeux Tapestry).

O escudo é um aparato de proteção maciço, capaz de deter os mais variados tipos de golpe, porém ele exige grande quantidade de esforço para seu manuseio, sendo composto de madeira e metal de peso considerável, em especial para uma batalha que durou cerca de 9 horas (GRAVETT, 1993, p. 64; 80).

O grupo composto pelos *thegn* e os *housecarl* possui algumas diferenças fundamentais à infantaria leve dos *fyrd.* Quanto ao armamento utilizado pelos *thegn*, também possuem lanças, machados e espadas - em especial o machado de duas mãos "dinamarquês" que parece ter favorecido vários desses guerreiros (GRAVETT, 1994, p. 14-15; 31). Além disso, outra arma aparece nas mãos dos *thegn*: a maça, hastes de madeira com cabeças rombudas, metálicas ou de madeira reforçada, com comprimento entre 30 e 45 centímetros e peso de 1,5 quilos a 2 quilos, capazes de serem arremessadas e de desferir golpes contundentes atravessando armaduras flexíveis como a de couro e a cota de malha metálica (DOUGHERTY, 2010, p. 44; 118).

O arremesso das armas foi especialmente mencionado por Guilherme de Poitiers, no momento da investida inicial dos normandos: "Os Ingleses resistiram [ao ataque] bravamente, cada qual a seu modo. Eles arremessaram suas azagaias e mísseis de todo o tipo, eles deram golpes selvagens com seus machados e com pedras presas a cabos de madeiras" [10] (POITIERS, 1973, p. 49).

Também foram utilizadas armaduras feitas de placas ou escamas de ferro costuradas ao couro, semelhantes às escamas de peixes (GRAVETT, 1993, p. 8-9; 13). Essas armaduras cobrem desde o pescoço até as coxas, mas dependendo do modelo, podem alcançar os joelhos, e mangas que cobrem os braços até os cotovelos. Essas cotas de malha são extremamente resistentes, capazes de proteger contra golpes cortantes e perfurantes, e juntamente com a proteção de couro interior, diminuir o impacto dos golpes concussivos (GRAVETT, 1993, p. 19).

A proteção craniana em um capacete cônico de madeira ou metal forrado de couro e tecido, que cobre o topo da cabeça, muitas vezes complementado com uma proteção nasal de uma tira de metal reta, denominado *spangelhelm* (DEVRIES e SMITH, 2012, p. 65). Braços e pernas são protegidos de maneira semelhante aos *fyrd*, normalmente com braçadeiras e caneleiras de tecido, além das botas e roupas resistentes. Por fim, os escudos redondos ou cometa, utilizados na Batalha de Hastings para manter a posição do topo da colina, bem como aparar flechas e golpes do inimigo (DOUGHERTY, 2010, p. 121-122).

Em oposição à infantaria anglo-saxônica, a de Guilherme é pesada. As armaduras variam desde a proteção de couro até os *hauberk* feitos de anéis de metal, conforme a condição econômica do soldado. O escudo mais presentemente utilizado do lado normando é o cometa, pois o escudo redondo é um estilo já ultrapassado no continente, e o *spangelhelm*, relativamente barato, é comum como proteção craniana. Estão armados com lanças, espadas, maças e machados de uma mão (GRAVETT, 1993, p. 16-24).

A artilharia normanda não possui proteção alguma, embora uma das figuras da *Tapeçaria de Bayeux* esteja utilizando uma armadura como as da infantaria e cavalaria, possivelmente um sargento (Figura 10). Seus arcos têm um tamanho variável entre 1,4 metros e 1,6 metros de comprimento quando não tensionados (NICHOLSON, 2004, p. 100). A puxada da corda é feita apenas até a altura do peito, conferindo ao arco um alcance entre 50 e 200 metros conforme o ângulo, o vento e a força do arqueiro.

Figura 10. Arqueiros normandos. (The Bayeux Tapestry).

Com a exceção do arco e a aljava com as

[10] No original: "The English resisted strongly, each in his own way. They hurled their javelins and missiles of all sorts, they dealt savage blows with their axes and with stones hafted on wooden handles".

flechas, os arqueiros normalmente só possuem uma adaga como proteção corpo a corpo. As provisões de flechas desses homens são apenas a que eles podem carregar em sua aljava, entre 20 a 24 flechas (GRAVETT, 1994, p. 65). Essa quantidade de flechas é normalmente suficiente em conflitos rápidos, porém, a longa duração da Batalha de Hastings fez com que as provisões dos arqueiros acabassem antes da chegada de novas munições.

A característica mais marcante da cavalaria de Guilherme é o uso em combate. Os cavalos eram treinados para não se assustarem durante a batalha. O sistema de rédeas e a sela com proteção alta, comuns no continente, concede maior estabilidade ao cavaleiro em combate e possibilita atacar o inimigo com uma investida com lança (KEEN, 2008, p. 40).

A *Tapeçaria de Bayeux* é uma das primeiras fontes a demonstrar esse tipo de ataque, embora não tenha sido utilizado em grande escala. A arma principal é a lança, sendo a espada, machado ou maça desembainhada apenas no caso de quebra ou perda daquela. A lança pode ser utilizada tanto como arma de arremesso como uma arma perfurante, seja em um golpe de baixo para cima, seja em uma estocada rápida, seja como a investida com lança (Figura 11).

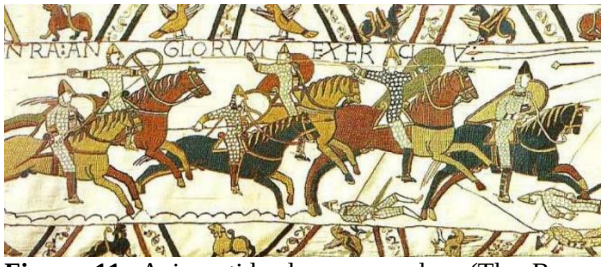

Figura 11. A investida dos normandos. (The Bayex Tapestry).

Na figura acima, a investida da cavalaria no começo da batalha mostra a variedade de técnicas que os cavaleiros empregavam no manejo da lança. Podemos notar as lanças levantadas acima do peito para serem arremessadas, ora seguradas abaixo do peito para cravá-las no inimigo. Na imagem à direita, o cavaleiro segura a lança debaixo do braço, uma das primeiras demonstrações da investida com lança. No canto direito superior, uma curiosa maça foi arremessada pelos defensores.

Para a proteção dos cavaleiros, o escudo utilizado é o cometa, com a diferença de que, enquanto um soldado utiliza o escudo em pé, com o propósito de cobrir a maior parte de seu corpo, os cavaleiros podem inclinar o escudo de forma que este proteja o corpo do cavalo. As armaduras de metal são comuns, e os cavaleiros mais ricos podem adquirir proteção para as pernas, denominada *chausses*, feitas do mesmo material que as armaduras de malha, que cobrem desde a coxa até os pés. Em adição, os pescoços dos combatentes também podem ser protegidos por uma extensão de anéis que se prendem ao capacete, chamados de *ventail*, cobrindo a nuca, o queixo e as orelhas.

Dessa forma, os equipamentos e armas empregados no campo de batalha pelos soldados de cada lado, demonstram a superioridade técnica dos invasores normandos, conforme podemos observar no quadro que elaboramos abaixo:

Tabela 1

Quadro comparativo técnico-militar	
Infantaria normanda	**Infantaria anglo-saxônica**
Primariamente pesada	Primariamente leve (*fyrd*)
Principais armas: espadas, machados de uma mão, maças, lanças	Principais armas: lanças, machados de duas mãos
Proteção: armaduras metálicas, escudos, elmos de metal	Proteção: armaduras de couro, escudos, barretes de couro
Treinamento: avançado	Treinamento: variável, básico
Quantidade estimada: 4.000	Quantidade estimada: 7.000

Artilharia normanda	**Artilharia anglo-saxônica**
Presente em peso, treinados	Ausente, arremessos da infantaria
Principais armas: arco e flecha	Principais armas: lanças, machados de uma mão, maças
Alcance: longo, 50 a 200 metros	Alcance: curto, de 5 a 20 metros
Quantidade estimada: 1.500	Quantidade estimada: (7.000)
Cavalaria normanda	**Cavalaria anglo-saxônica**
Uso do cavalo em combate, alta mobilidade, maior clivagem	Ausente, suplantada por infantaria pesada (*thegn*), estacionária
Principais armas: lança	Principais armas: machados, espadas
Proteção: armaduras metálicas, escudos, elmos de metal	Proteção: armaduras metálicas, escudos, elmos de metal
Treinamento: avançado	Treinamento: avançado
Quantidade estimada: 2.000	Quantidade estimada: 1.000

Análise comparativa das estratégias e táticas

Uma comparação das estratégias adotadas por Guilherme da Normandia e Haroldo Godwinson permite-nos compreender o desfecho do conflito. Os invasores normandos procuram lutar em campo aberto visando um desfecho rápido da invasão, pois não possuem acesso a seus recursos e reforços da Normandia. Taticamente, o campo aberto também é favorável a Guilherme, pois este pode utilizar a cavalaria em toda sua força. Haroldo, movido rapidamente ao campo de batalha, procura também encerrar a guerra o mais rápido possível.

Apesar da luta desfavorável, Haroldo consegue grandes vantagens ao ocupar o topo da colina. Pela adoção de uma tática defensiva como a da parede de escudos, ele procura resistir o máximo de tempo possível ao ataque do rei normando, impedindo-o de saquear recursos das terras próximas, e resistindo durante o primeiro dia para conseguir mais reforços posteriormente. Além disso, a adoção de uma tática defensiva imóvel é razoável em sua situação, já que ele não possui um contingente de artilharia efetivo, não tem a capacidade de conter a artilharia nem a cavalaria de Guilherme. Pela falta da cavalaria, também sente-se incapaz de atacar diretamente a artilharia invasora ou de flanquear a infantaria e cavalaria inimigas sem expor seus guerreiros a uma saraivada de flechas.

Mantendo-se em posição defensiva, seus soldados inutilizam e diminuem a capacidade danosa da artilharia, defendendo-se das saraivadas atrás dos escudos apropriadamente posicionados, obrigando as tropas de curto alcance a se aproximarem para um combate corpo-a-corpo (DOUGHERTY, 2010, p. 85-86). Estratégia que ocorreria até o cansaço dos atacantes, quando então os defensores poderiam quebrar as linhas e persegui-los.

Esse estilo de luta passivo provavelmente foi difícil para os guerreiros anglo-saxões, acostumados a avançar contra o inimigo pela influência do combate viking (DEVRIES e SMITH, 2012, p. 16). Todavia, a parede de escudos se mostra muito efetiva, pois as saraivadas de flechas iniciais e o avanço da infantaria invasora são detidos, obrigando os normandos a um ataque frontal com todas as suas tropas, inclusive a cavalaria que não tinha nenhuma oportunidade para flanquear os inimigos.

Numericamente a vantagem pertence aos defensores, enquanto que, em termos de treinamento militar, esta era detida pelos normandos, melhor preparados. Todavia, com os flancos protegidos pela floresta e o terreno elevado, a defesa é ampliada o bastante para conter o avanço, especialmente após o arremesso dos projéteis, enquanto os 1.500 arqueiros estão inutilizados. Mesmo o cansaço

da marcha inglesa até o local da batalha pode ser remediado pelo cansaço que as tropas de Guilherme sentem durante o dia pelo ato de se moverem colina acima.

A situação apenas se modifica quando a fuga dos bretões no flanco esquerdo é impedida e estes são reordenados para uma rápida investida contras as forças anglo-saxônicas, em júbilo, haviam deixado suas posições defensivas para perseguir seus inimigos. Esse é o primeiro sucesso da cavalaria na batalha, já que Haroldo se vê obrigado a reformar as fileiras que haviam sido perdidas, bem como a lidar com a desmoralização das tropas e sua própria fúria com a morte de seus irmãos. Fora essa grande perda de soldados valorosos, também se vê obrigado a usar os *fyrd* nas fileiras da frente, que não têm uma capacidade defensiva tão boa quanto os *thegn* que compunham a linha de frente (GRAVETT, 1994, p. 63).

O fato dos ginetes poderem recuar, descansar e coordenar novos ataques foi outro importante aspecto em favor da cavalaria. De acordo com Guilherme de Poitiers, enquanto os *thegn* de Haroldo são obrigados a permanecerem imóveis na defesa, incapazes de se revezarem com os *fyrd* e conseguirem algum descanso mais prolongado, os cavaleiros dividem seu esforço com suas montarias, minimizando o cansaço mesmo quando sobem a colina. Além disso, sua mobilidade permite cobrir o recuo da infantaria para um local seguro, concedendo descanso a estes. Na medida em que os anglo-saxões ficam exaustos, maiores se tornam as chances dos normandos, até que as brechas abertas pela cavalaria permitem que uma flecha atinja o rei Haroldo ao final do dia (POITIERS, 1973, p. 77).

A superioridade da cavalaria se torna evidente quando os arqueiros lançam uma nova leva de flechas, nas últimas horas do dia. Com todas as brechas que são feitas no decorrer da batalha, e a consequente diminuição das fileiras protetoras, a linha de defesa onde Haroldo se encontra se aproxima do campo de tiro. Nisso, uma flecha chega até o rei Haroldo, atingindo-o (GRAVETT, 1994, p.77). Mesmo se a morte de Haroldo seja devida à flecha, o fato permanece que a cavalaria cria as condições para que o projétil chegue ao seu alvo, já que a arquearia não é nem um pouco efetiva nas primeiras horas do confronto.

Resumimos, na tabela abaixo, as vantagens que permitram a Guilherme da Normandia obter a vitória sobre Haroldo Godwinson:

Tabela 2

Quadro comparativo tático-militar	
Normandos	**Anglo-saxões**
Forças em número inferior	Forças em número superior
Linhas de reforços cortadas	Acesso a médio prazo a reforços
Terreno desvantajoso	Terreno vantajoso
Apoio da artilharia de longo alcance	Artilharia de alcance reduzido
Cavalaria de alta mobilidade	Infantaria estacionária
Uso de táticas avançadas	Uso de táticas simples
Adoção de guerra por atrito, investidas e retornos contínuos permitindo o descanso das tropas	Adoção de guerra por resistência, fortificação de um local para reforços posteriores, porém sem descanso

Conclusão

A análise comparativa técnico-militar das forças armadas envolvidas na Batalha de Hastings de 1066 permitiu-nos concluir tanto a superioridade técnica dos soldados normandos contra os soldados anglo-saxões, quanto o embate entre dois estilos de combate então em voga: o estilo continental das forças mistas contra o estilo germânico-viking da infantaria

pesada. O local da batalha, configurado em um campo aberto cercado por florestas e com um aclive de colina no lado norte - então ocupado pelos defensores anglo-saxões - possibilitou o uso da cavalaria em larga escala. A maneira que os cavaleiros normandos enfrentaram a infantaria pesada, os *thegn* de Haroldo Godwinson, permitiu a vitória de Guilherme da Normandia.

A comparação dos exércitos em conflito revela que o uso dessa nova força armada, a cavalaria medieval do século XI, permitiu a vitória normanda. Graças à sua mobilidade, as brechas abertas pela infantaria e artilharia puderam ser aproveitadas para enfraquecer o exército defensor. Deveras, pela sua própria mobilidade pôde se criar lacunas por meio da tática da fuga fingida, ou seja, da retirada estratégica que atraiu os anglo-saxões para fora de suas paredes de escudos. Além disso, uma vez que os invasores adotaram uma batalha de atrito contra uma força imóvel, os cavaleiros não se cansaram ao se movimentar graças à sua montaria, bem como puderam se retirar do campo conforme a necessidade, ao contrário dos anglo-saxões que se viram obrigados a permanecer sob o sol e sem descanso algum. Dada à longa duração da batalha, de aproximadamente nove horas, a fadiga pode ser considerada como fator determinante para a derrota dos anglo-saxões.

O uso da infantaria, artilharia e cavalaria no século XI permite observar a evolução militar durante a Idade Média, já que com a utilização de novas tecnologias e táticas de combate, o cavalo se torna instrumento fundamental para o controle do campo de batalha. Os anglo-saxões, influenciados pelo antigo estilo germânico-viking, sofrem um grande revés diante das novidades continentais: os normandos, embora descendentes de vikings, são vassalos dos francos, os quais compartilham de seu estilo de luta. Novidade assombrosa, da qual se abre uma nova era militar, de guerreiros armadurados e seus corcéis, moldando os conflitos na Europa Ocidental pelos séculos seguintes.

Referencias

DEVRIES, Kelly et al. *Batalhas medievais 1000 – 1500:* conflitos que marcaram uma época e mudaram a história do mundo. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2009.

DEVRIES, Kelly e SMITH, Robert Douglas. *Medieval military technology* – 2nd Ed. Toronto: University of Toronto Press, 2012.

DOUGHERTY, Martin J. *Armas & técnicas bélicas de los caballeros medievales:* 1000 - 1500. Madrid: Libsa, 2010.

FAWKES, J. *Map of the Battle of Hastings on 14 th October 1066*. Disponível em: http://www.britishbattles.com/norman-conquest/battle-of-hastings/. Acessado em 10/05/2016.

FLORI, Jean. *A cavalaria:* a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005.

GRAVETT, Christopher. *Hastings 1066:* el fin de la Inglaterra Sajona. Madrid: Ediciones del Prado, 1994.

___. *Norman knight:* A. D. 950 - 1204. Série Warrior, Volume I. London: Osprey Publishing Ltd, 1993.

HEWITT, Christopher E. M. *The Battle of Hastings:* a geographic perspective (2016). Electronic Thesis and Dissertation Repository. Paper 3628.

KEEN, Maurice. *La caballería.* Barcelona: Ariel, 2008.

NICHOLSON, Helen J. *Medieval warfare:* theory and practice of war in Europe 300-1500. Hampshire, Inglaterra: Palgrave Macmillan, 2004.

POITIERS, William of. The History of William, Duke of the Normans and King of the English. In: THORPE, Lewis. *The Bayeux Tapestry and the Norman invasion.* London: The Folio Society, 1973, p. 33-55.

THE BAYEX Tapestry. Disponível em: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/lspost11/Bayeux/bay_html Acessado em 10/05/2016.

THORPE, Lewis. *The Bayeux Tapestry and the Norman invasion.* London: The Folio Society, 1973.

VERBRUGGEN, J. F. *The art of warfare in Western Europe during the Middle Ages:* from the Eighth Century to 1340. Suffolk, Inglaterra: The Boydell Press, 19971963.